
COMUNICAÇÕES

REDES GEOGRÁFICAS: ENSAIANDO A DISCUSSÃO

Fernando José Xavier Santos¹

Resumo: *Este artigo pretende iniciar a discussão sobre redes geográficas aferindo a mesma a sua consistência para o estudo de redes urbanas. Aponta como caminho o processo de globalização e as redefinições que este processo vem proporcionando para nós geógrafos ao final do século 20.*

Palavras-chave: *Redes geográficas; Globalização; Redes urbanas.*

O termo rede sugere uma série de significados ligados à química, comunicação, geomorfologia, infra-estrutura, informática etc. demonstrando assim, o seu caráter polissêmico. Mas ao pensarmos no termo rede o que vem a nossa mente são pontos que se entrecruzam no espaço promovendo uma série de fluxos em num movimento ininterrupto.

Segundo Santos (1996)² o termo rede deve ser estudado a partir de suas condições materiais e sociais. As condições materiais é que fornecem o movimento das redes como os meios de transportes representados pelas rodovias, ferrovias, aeroportos, os meios de comunicação, enfim toda a infra-estrutura que garanta a circulação das mercadorias. No entanto as redes não são constituídas apenas de condições materiais. Elas também são sociais e envolvem uma gama de conteúdos político-administrativos

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP Campus de Presidente Prudente/SP.

² Santos, 1996: 208-209.

Faz Ciência	Francisco Beltrão	v.2	nº 02	p. 129-136	1998
-------------	-------------------	-----	-------	------------	------

e conteúdos jurídico-ideológicos. As redes não tem uma existência própria, pois não são desprovidas de pessoas. O caráter humano interfere no funcionamento das redes, sendo estas dotadas de valores.

De acordo com Santos (1996), as redes têm que ser visualizadas como um processo.

"(...) uma visão atual das redes envolve o conhecimento da idade dos objetivos (considerada aqui a idade "mundial" da respectiva técnica) e de sua longevidade (a idade "local" do respectivo objeto), e, também, da quantidade e da distribuição desses objetos, do uso que lhes é dado, das relações que tais objetos mantêm com outros fora da área considerada, das modalidades de controle e regulação do seu funcionamento". (Santos, 1996:209).

Outrossim, Santos (1996), admite três momentos na constituição das redes:

"(...) período pré - mecânico, período mecânico intermediário e a fase atual" No primeiro período (período pré - mecânico) as redes surgiam como um fator de espontaneidade, onde as forças da natureza praticamente ditavam as formas do modo de vida humano. As sociedades antigas eram autárquicas tendo suas necessidades básicas satisfeitas pelo contato com a natureza. O tempo era vivido através das condições naturais e biológicos, não sendo necessário o estabelecimento de muitas trocas. No período mecânico intermediário temos o desenvolvimento das técnicas mediado pelo conhecimento científico. Essas técnicas se esbarram nas dificuldades impostas pelas fronteiras dos lugares. O Estado é ainda quem controla o mercado, apesar das redes objetivarem sua expansão pelo mundo.

O terceiro momento das redes é o período técnico-científico informacional, o período atual em que se predomina um encurtamento do tempo, devido a integração dos lugares com os enormes avanços no campo da ciência, da técnica e da informática. A técnica conjuntamente com a ciência e a informática promovem uma nova morfologia de redes, onde se desestruturam antigas formas mediadas pelo Estado".(Santos, 1996:210).

As redes têm o papel de divulgação do processo de globalização para todos os lugares. Mesmo com o processo de globalização, as redes não apresentam homogeneidades porque o espaço continua heterogêneo. É importante destacar que no espaço compreendido pelas redes existem lugares que fogem ao esquema imposto por aquelas. No circuito das redes estas não apresentam homogeneidade devido as ações dos agentes sociais que exercem seu comando.³

Segundo Santos, (1996)⁴ para uma análise das redes é necessário atribuir privilégio a três escalas: a mundial, a dos territórios dos estados e a local. O mundo é a escala cogitada na atualidade e onde as redes não seriam bem compreendidas se apenas as víssemos desvinculadas do global. A segunda escala que é a dos territórios dos estados implica numa determinada formação sócio - espacial de um país imposta por um Estado que procura controlar as redes. Mas estas barreiras das fronteiras estão sendo rompidas pelo esquema de internacionalização das redes. A terceira escala é o local onde parcelas da rede mundial ganham características próprias associadas às particularidades dos lugares.

"Desse modo o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o

³ Idem ibidem. 13-14.

⁴ Ibidem, 125.

local enquanto especificidade concreta, enquanto momento. É no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta para o mundial". (Carlos, 1996:29).

Segundo Santos (1996)⁵ a configuração das redes nos lugares depende muito da sociedade nacional que é quem proporciona uma seletividade na aquisição de meios técnicos, deixando lugares sem o efeito modernizador. Nas redes, as cidades locais exercem o comando nas técnicas de produção. Já as cidades distantes (globais) possuem o direcionamento político controlando a distribuição, circulação e regulação.

As redes se estruturam através do poder da técnica e buscam a todo custo a flexibilização de capital, trabalho, dinheiro, mercadorias, idéias e pessoas onde os lugares são apenas componentes competidores da esfera do mercado.

Nem sempre as redes tiveram esse caráter globalizante que possuem na atualidade.

O estudo das redes urbanas data da década de 1950, onde o processo de urbanização atingiu escalas maiores no mundo todo. A aceleração do processo de urbanização demonstrou que muitas das teorias a seu respeito não condiziam mais com a realidade. Os modelos de urbanização das cidades dos países desenvolvidos não se encaixavam nas cidades dos países do terceiro mundo, pois a especificidade histórica das nações não havia sido levada em consideração nesse transporte de idéias e valores urbanos do mundo desenvolvido para o mundo subdesenvolvido.

"No bojo do processo de urbanização a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente. Via rede urbana e a crescente rede de comunicações a ela

vinculada, distantes regiões puderam ser articuladas, estabelecendo-se uma economia mundial (Corrêa, 1989: 5).

Corrêa (1989)⁶ considera que para a existência da rede urbana é necessário que exista três condições. Primeiramente deve haver uma economia de mercado, esta já implica a existência de uma divisão territorial do trabalho. Em segundo lugar há necessidade de se ter pontos no território, onde os negócios sejam consumados com uma certa regularidade. A outra condição diz respeito a articulação entre os diferentes pontos que efetivam a circulação.

As redes urbanas foram estudadas de forma com que se obtivesse uma classificação das cidades fundamentadas nas suas funções. As cidades eram classificadas segundo as funções religiosas, comerciais, industriais, educativas, recreativas etc. Nas análises feitas sobre a rede urbana se valorizavam o tamanho das cidades e os seus aspectos econômicos e sociais.

Nos anos 50 segundo Corrêa (1989)⁷, há o desenvolvimento das idéias de descentralização da rede urbana, porque nos momentos de crise dos grandes centros todas as outras cidades da rede seriam afetadas. A concentração das forças econômicas num centro canalizaria todos os recursos financeiros para um único centro.

Na organização hierárquica da rede urbana as cidades eram classificadas na seguinte ordem: metrópole nacional, metrópole regional, capitais regionais, centro regionais e cidades pequenas. Nessa hierarquia da rede urbana havia um sistema de relações econômicas e sociais, onde umas cidades se subordinavam as outras. As cidades pequenas dependiam das médias, e estas, por sua vez, se subordinavam as grandes cidades. Essa morfologia hierárquica da rede urbana não corresponde mais à realidade globalizada que estamos vivenciando atualmente.

O próprio movimento migratório não está mais sendo

⁶ Cf. Correia, 1989: 6-7.

⁷ Idem *ibidem*, 17.

direcionado para São Paulo e Rio de Janeiro que exerciam um processo de polarização sobre outras cidades e regiões.

As migrações estão sendo direcionadas para o interior das cidades brasileiras, onde o capital consegue estar próximo de uma mão - de - obra barata obtendo isenção de impostos, reservando assim, um espaço cada vez maior para a sua maximização de lucros.

A morfologia das redes não é mais hierárquica, pois adquiriu um caráter global, em se tratando de uma rede mundial de cidades. A reengenharia, a robótica, a informática se tornaram importantes elementos das forças produtivas que provocam realinhamentos políticos, econômicos e sociais num processo irreversível que exige que os indivíduos se readaptem a esse novo contexto.

Como a globalização provocou um sucateamento das indústrias brasileiras com a entrada explosiva de produtos estrangeiros mais baratos, portanto mais acessíveis que os produtos brasileiros, parte da população não teve outra alternativa a não ser se integrar ao mercado informal.

A informalidade ganha as ruas das cidades brasileiras e é considerada por alguns uma conseqüência do excesso de regulamentação, que torna muito mais vantajoso para as empresas contratar ilegalmente do que arcar com custos elevados. A informalidade no mercado de trabalho retira as obrigações do Estado com os encargos sociais beneficiando o modo de produção capitalista.

Apesar da estabilidade da moeda brasileira vivemos a instabilidade dos males da globalização: o desemprego em larga escala nas cidades brasileiras. Os indivíduos que não encontram emprego devido aos progressos trazidos pela técnica e pela informática se inserem nos circuitos da economia informal. As empresas nesse atual contexto, não necessitam construir filiais em várias cidades.

O capitalismo globalizado através das redes geográficas provocou a flexibilização do trabalho onde as empresas estabelecem parcerias através das franquias, de representações e de

concessões. Atualmente, as autoridades governamentais estão criando um novo contrato de trabalho que será executado temporariamente por dois anos com menores encargos sociais para empresas.

Carlos (1996), retrata a importância das novas tecnologias nas localizações industriais que *"obedecem a um novo padrão formando os tecnopolos, as metrópoles policêntricas, onde o processo em curso é de desconcentração do capital, além da concentração de novas modalidades de atividades urbanas"*.

Por ora, fiquemos aqui com as palavras finais da autora mencionada acima, a qual nos define melhor o nosso ensaio sobre redes geográficas, o qual ainda buscamos um melhor esclarecimento com o amadurecer do nosso pensamento.

"O lugar na era das redes traz a idéia de que os novos processos de produção e de troca se dão hoje de outra forma no espaço num momento em que as vias de transportes e de comunicações mudam radicalmente sua configuração que não passa somente pelas rotas terrestres tradicionais - marítimas, rodoviárias, ferroviárias - mas cada vez mais aéreas, via satélites e através da ainda em instalação super highway que cria a aparência de que se perde as bases territoriais. Na realidade a tendência à anulação do tempo/ distância entre lugares no espaço do globo terrestre parece diminuir de tamanho articulando lugares agora através das redes de alta densidade de trocas de informações. O essencial "não é mais dominar um território mas ter acesso a uma rede". (Carlos, 1996:37).

Referências bibliográficas

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar na "era das redes" In: *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec. 1996, p. 7-38.
_____. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992
CORREA, Roberto Lobato. *A rede urbana*. São Paulo : Ática, 1989.

- _____. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: HUCITEC, 1980
- IANNI, Octavio. *A era da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- ROCHFORT, M. *Redes e sistemas*. São Paulo: HUCITEC, 1998.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia das redes. In: *A natureza do espaço, técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo : HUCITEC, 1996. P 208 - 222 .
- _____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A cidade e seus territórios. In. *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos* , Curitiba/ PR 1994. p. 175-179.